

Kazu apoia invasão da terra dos Zoró

O deputado Kazu Sano, que não gosta de ficar muito tempo afastado dos noticiários surpreendeu a todos ao mirar a bandeira de luta dos in-

vasores da reserva indígena da nação Zoró, no município de Aripuanã, norte do Estado. Segundo o deputado são muito poucos índios para muita terra. Ainda segundo o deputado não existem Zoró naquela terra. Eles foram atraídos para lá pela Funai, uma espécie de complô contra os invasores. A história não é bem esta, no entanto, nesta edição a nova bandeira de Kazu e mais algumas considerações sobre a problemática Zoró.

2020

CIMI - MT

Fonte: T. Buiabana
Data: 17/09/1987
ZORÓ 1123

Kazu em "Guerra Santa" contra os Zoró

A informação de que o deputado ecologista Kazu Sano empunhou a bandeira dos invasores da área indígena Zoró, no município de Aripuanã, deve ter pego muita gente no contra-pé. Muita gente da imprensa, inclusive. Mas é isto aí: de olho nas centenas de votos dos invasores o deputado está exigindo um tipo esquisito de justiça: um tipo de justiça que arranca de um povo indígena suas terras imemorais para entregá-las nas mãos de grupos econômicos.

Como Kazu Sano despertou para o problema não se sabe. Mas a sua preocupação com o assunto não é de agora. Durante a semana ele exibiu, na frente das câmaras de TV, alguns quilos de documentos, tentando provar que o distrito de Paraiso da Serra deve continuar existindo como distrito. É de sua autoria, inclusive, o projeto que foi transformado em lei no dia nove de abril de 1987, criando o referido distrito dentro do território dos Zoró. O decreto foi assinado por Carlos Bezerra e por todo o seu secretariado. O executivo estadual, porém, resolveu voltar atrás em sua posição inicial. Alegou que tinha cometido um engano e decidiu anular a criação do distrito.

Foi aí que Kazu apareceu como o justiceiro vingador dos invasores. Neste momento Kazu deixou na gaveta sua tradicional postura ecologista para defender na prática a destruição de um eco-sistema extremamente rico. Afinal sabe-se que trabalham na região serrarias que, segundo informações do IBDF, já contrabandearam muita madeira para Rondônia. Os índios, de sua aldeia, já escutam o barulho das moto-serras desmatando.

Está mais do que claro que o deputado Kazu Sano não gosta de índios. De qualquer maneira surpreende que Kazu não tenha levado em consideração o papel ecológico dos índios. Os povos indígenas necessitam conservar a harmonia com a natureza como uma forma de sobrevivência. Não interessa aos índios desmatar, porque o desmate acaba com a caça, prejudica a qualidade do solo, impossibilita a coleta.

Mas o centro das argumentações de Kazu Sano é o seguinte: ele diz que "não estou contra os índios". Ao mesmo tempo exige justiça "para os seis mil seres humanos", que ele diz que moram na área. Nesta mesma linha de raciocínio, Kazu coloca a questão de forma numérica. E se pergunta: será justo que cento e poucos índios ocupem quatrocentos e poucos mil hectares. E os brancos estão pedindo cento e poucos mil hectares apenas.

Todos estes argumentos significam, na verdade, uma inversão total dos valores da discussão. Em primeiro lugar porque Kazu, quando defende que uma terra indígena invadida se transforme em distrito, está abrindo espaço para que outras invasões acabem se solidificando. Depois

por que os invasores procuram as terras indígenas e preservam os imensos latifúndios que existem neste Estado? Na região norte do Estado, todo mundo sabe, há latifúndios com mais de um milhão de hectares. Empresas japonesas, alemãs, norte-americanas, também possuem extensas propriedades em solo mato-grossense. E o que o deputado faz sobre isto? Nada. Agora só se fala em resolver o problema social dos invasores. Tudo bem. Mas por que não instalá-los em uma terra improdutiva de algum grande latifundiário? Dentro do ponto de vista dos invasores é fácil entender o porquê da preferência por uma terra indígena e não de algum latifúndio. Os índios estão isolados e é preferível enfrentar guerreiros de arco e flecha, que jagunços fortemente armados respaldados pelo poderio de alguma multinacional japonesa, alemã ou americana.

Kazu, antes de sair defendendo os invasores tinha que estudar antes um pouco melhor como se deu o processo de invasão do território Zoró. A ocupação começou sob a liderança de empresários madeirei-

viii

ros, preocupados com a exploração da madeira, antes de mais nada. Uma exploração ilegal, inclusive. Apenas cento e poucas famílias que estavam na área foram consideradas como posseiros por um levantamento feito pela Secretaria de Assuntos Fundiários. A maioria das pessoas está lá é para explorar madeira e minérios mesmo.

Além do que a questão numérica nunca pode servir de pretexto para invasões. Dessa maneira um país superpopuloso, como a China por exemplo, poderá invadir um país menos populoso, como o Brasil, e usar o mesmo tipo de argumento. "Pra que vocês, brasileiros querem tanta terra? Nós os chineses somos mais numerosos e temos também os nossos problemas sociais". O que Kazu responderia aos chineses? E os povos indígenas formam nações autênticas, com sua língua própria, suas tradições, seus mitos e sua maneira de viver. Se Kazu Sano tivesse um pouco mais de sensibilidade certamente não faria o que está fazendo. Tirando o espaço de uma pequena mas orgulhosa nação indígena. Sufocando os Zoró. Arrancando dos índios mais de cem mil hectares de terras sagradas.

No meio da polêmica Kazu costuma dizer que não é contra os índios, mas que é preciso dar uma solução para o assentamento dos posseiros. Todos os que forem posseiros de fato devem ser assentados em outro lugar, isto é certo. Mas este é um problema que o governo tem que resolver. Pra que existe um Ministério da Reforma Agrária? E por que tantos milhões de hectares estão nas mãos dos estrangeiros e os índios não podem manter o seu território intacto? Deste jeito, nobre deputado, o senhor está sendo objetivamente contra os índios.

Além do que, desse jeito ficará cada vez mais fácil invadir terras indígenas. Primeiro se invade, depois se consegue o apoio de algum deputado, que vai usar de todo o seu prestígio para perpetuar a invasão.

Kazu também gosta de falar que os índios estão se armando. Mas os invasores já estão armados há muito tempo, e com armas pesadas. A região dos Zoró que está invadida se transformou em um território ocupado por uma verdadeira milícia para-militar. Mas Kazu acha isto muito natural. Kazu e o advogado Roberto Kinoshita, que representa os invasores a mando de Américo Menotti, um dos empresários interessados na região. Quem diria, Kazu, ao lado de Kinoshita e Menotti. Um acordo estranho sem dúvida. Tão estranho que cabe a pergunta. Será que Kazu pretende ganhar votos com esta cruzada? Pode até ganhar alguns lá em Paraíso da Serra. Mas vai perder muito voto em Cuiabá, de gente que sempre o respeitou como um defensor da natureza. Até os argumentos de Kazu são muito semelhante aos usados por Kinoshita e Menotti. Diz o deputado que os Zoró não viviam naquelas terras, mas foram atraídos para lá pela Funai. Quer dizer, para o deputado tudo não passa de um complô dos

índios. E para confirmar estas declarações Kazu agita uma certidão negativa do ex-presidente da Funai, General Ismarth de Araújo. Segundo este documento não haviam índios naquela área. Ismarth expediu esta certidão para permitir a entrada na região de colonizadores e a construção de uma estrada. Lamentável. Kazu Sano agitando com documentos de Ismarth de Araújo, um general que se apossou da Funai, e cometeu várias arbitrariedades em sua gestão. Apelar para os militares que sufocaram o país e cometeram todo o tipo de injustiça, assim não dá. Mas para esclarecer um pouco da história dos Zoró, é importante voltarmos ao passado. No box, nesta página, um resumo da história do contato dos Zoró com os brancos. Uma história de injustiças.

por: PAULO BARROS

Uma história de injustiças

Antes dos primeiros contatos os Zoró viviam em uma área que era o dobro da atualmente interdita. Segundo Roberto Gambini, antropólogo e pesquisador da Equipe de Avaliação do Polonoroeste e da Fundação de Pesquisas Econômicas da USP, "na região atualmente invadida havia pelo menos três aldeias: Potsanwip, Zaapa e Matchianza". Havia também aldeias onde hoje estão instaladas as fazendas Castanhal e Muiraquitã.

As primeiras notícias dos Zoró vieram através de Francisco Meirelles, que sobrevoou a área e localizou suas moradias em 1968. Em 1978 foi interdita uma área equivalente a metade do território original: 431.700 hectares. Nesta ocasião 400 índios foram vacinados contra a gripe (como se vê a população Zoró, que hoje deve estar por volta de 200, diminuiu desde os primeiros contatos). Por orientação da Funai, os índios começaram a mudar seus hábitos. A Funai praticamente confinou os índios em uma aldeia, onde eles passaram a se dedicar exclusivamente a roças, deixando de andar pelo território atrás de caça, pesca e coleta. A política da Funai parecia destinada a facilitar as invasões. Junto com isto atingiu os Zoró a influência de protestantes das Novas Tribos do Brasil, que insistiam com os índios para que

eles não lutassem contra os invasores, por causa de Deus e outras baleias do gênero.

Partiu de dentro da própria Funai, entretanto, o maior golpe sofrido pelos Zoró. Em quatro de fevereiro de 1977, o general assina uma declaração (que hoje está sendo agitada por Kazu) dizendo que a estrada projetada pela Companhia Vale do Rio Roosevelt não atinge terras indígenas. No entanto, apesar do general a área estava interdita desde 74. A interdição foi confirmada em 78 e só este ano saiu o decreto do presidente Sarney de demarcação.

Em 17 de setembro de 1981 os fazendeiros se uniram para construir a estrada finalmente, que foi a porta de entrada do grosso dos invasores. Através de um condomínio, chamado Lunar-delli, foi construída a estrada, dentro da área dos índios. Os construtores alegaram depois que não sabiam que aquela terra era indígena e já estava interdita.

Assim de tropeço a invasão foi se consolidando. Muita madeira saiu ilegalmente da região, indo principalmente para Rondônia. Nunca, porém, o lobby dos invasores foi tão forte. Pelo menos antes eles nunca tinham tido um aliado explícito, na tribuna da Assembléia.